

Caderno de Possibilidades

Pelo ensino de uma História outra

Mariana da Costa de Santana
José Ricardo Dordron de Pinho





Caderno de Possibilidades

Pelo ensino de uma História outra

Mariana da Costa de Santana
José Ricardo Dordron de Pinho

Caderno de Possibilidades

Pelo ensino de uma História outra

1ª edição



Rio de Janeiro, 2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S232 Santana, Mariana da Costa de

Caderno de possibilidades : pelo ensino de uma história outra / Mariana da Costa de Santana ; José Ricardo Dordron de Pinho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2024.

50, [2] p.

Bibliografia: p. 49-50.

ISBN: 978-65-5930-100-3.

1. História – Estudo e ensino. 2. Anos iniciais do Ensino Fundamental - Estudo e ensino. 3. Literatura e História. 4. Narrativas históricas. 5. Oralidade na literatura. 6. Aprendizagem significativa. 7. Podcasts. I. Pinho, José Ricardo Dordron de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 907

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Projeto gráfico do miolo e capa: André Rocha de Oliveira



Resumo

O presente Produto Educacional (PE) é oriundo de uma pesquisa de mestrado cuja aplicação prática se deu a partir da oficina “Contando Histórias de Mulheres Brasileiras”, oferecida para estudantes de 4º e 5º anos do Campus Humaitá I, do Colégio Pedro II, no ano de 2023. Tal pesquisa se desenvolveu a fim de responder à seguinte questão: a literatura, como abordagem que valoriza a oralidade, é uma estratégia para uma aprendizagem significativa na disciplina História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Ao longo da oficina, exploramos o protagonismo das mulheres na construção histórica do nosso país, valorizando suas contribuições e problematizando os apagamentos que essas histórias sofreram no decorrer do tempo. Este Produto Educacional foi desenvolvido à luz da teoria sobre sequências didáticas de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), constituindo-se como uma possibilidade para que outros docentes se inspirem no trabalho desenvolvido a partir do protagonismo da literatura e de gêneros orais no ensino de História. Tal iniciativa culminou na gravação do podcast “Mulheres extraordinárias que mudaram o Brasil”, que comporta as aprendizagens que os estudantes desenvolveram durante o processo. Esta pesquisa mostrou que, ao estimular o trabalho com a literatura e a oralidade como estratégias didáticas para o ensino de História nos Anos Iniciais, é possível potencializar aprendizagens mais significativas sobre as narrativas históricas brasileiras em nossos estudantes.

Palavras-chave: ensino de História; literatura; oralidade; aprendizagem significativa; podcast; narrativas históricas.

Abstract

The present Educational Product (PE) originates from a master's research, whose practical application took place through the workshop "Telling Stories of Brazilian Women," offered to 4th and 5th-grade students at Campus Humaitá I, Colégio Pedro II, in the year 2023. This research was developed to answer the following question: Is literature, as an approach that values orality, a strategy for meaningful learning in the History discipline in the Early Years of Elementary School? Throughout the workshop, we explored the role of women in the historical construction of our country, valuing their contributions and problematizing the erasures that these stories have suffered over time. This Educational Product was developed in light of the theory on didactic sequences by Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004). It constitutes a possibility for other teachers to be inspired by the work developed based on the protagonism of literature and oral genres in the teaching of History, which culminated in the recording of the podcast "Extraordinary Women Who Changed Brazil," with the learnings that the students developed throughout this process. This research showed that by stimulating work with literature and orality as didactic strategies for teaching History in the Early Years, it is possible to enhance more meaningful learning about Brazilian historical narratives in our students.

Keywords: History teaching; literature; orality; meaningful learning; podcast; historical narratives.





Sumário

Apresentação.....	7
Introdução.....	8
Motivação para o desenvolvimento da proposta: as inquietudes da sala de aula.....	13
Por uma História outra: primeiros contatos.....	17
<i>A importância do trabalho com oralidade em sala de aula: gênero podcast.....</i>	19
A sequência didática de Schneuwly e Dolz.....	22
<i>Os módulos: possibilidade de diferentes modos de trabalho.....</i>	29
<i>A gravação do podcast.....</i>	34
Os Episódios.....	40
<i>Sobre Maria Felipa de Oliveira.....</i>	41
<i>Sobre Dandara.....</i>	41
<i>Sobre Marta Vieira da Silva.....</i>	42
<i>Sobre Marielle Franco.....</i>	43
<i>Sobre Mulheres Extraordinárias.....</i>	43
Considerações Finais.....	47
Referências.....	49

Caro colega docente,

Este material foi elaborado dentro do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB), do Colégio Pedro II, a partir da realização da oficina “Contando Histórias de Mulheres Brasileiras”, realizada paralelamente à pesquisa “Personagens femininas na História: a literatura como fonte histórica e a oralidade para a emancipação dos sujeitos”. O trabalho foi realizado pensando nas aulas de História para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas pode ser adaptado para contemplar as diferentes disciplinas, com adaptação de vocabulário e grau de dificuldade dos conteúdos trabalhados. Este Caderno de Possibilidades é fruto de observações realizadas no fazer cotidiano da sala de aula que me levaram, como educadora, a perceber a potencialidade que a Literatura tem como fonte para compreensão e análise de narrativas históricas outras, que podem aproximar nossos estudantes do ensino de História. Além disso, a valorização da oralidade como objeto de aprendizagem pode contribuir para uma participação mais dialógica e crítica desses estudantes nas questões do tempo presente. Entendemos, aqui, o ensino de História como potente para a construção de aprendizagens que extrapolem o espaço escolar e possam contribuir de forma positiva para temas que atravessam nossa sociedade. Aqui, escolhemos trabalhar com personagens femininas históricas a fim de valorizar e desconstruir os apagamentos históricos em relação ao papel da mulher enquanto transformadora de seu tempo.

Você, colega docente, certamente já produziu transformação em sua sala de aula a partir de estudos e propostas. O Produto Educacional “Caderno de Possibilidades: pelo ensino de uma História outra”, além de ter a intenção de inspirar outras produções que envolvam Literatura e Oralidade, também o convida a ver a potência e as possibilidades de novas pesquisas, como esta, em seu fazer docente.

Atenciosamente,
Mariana da Costa de Santana

INTRODUÇÃO



O Produto Educacional aqui apresentado é resultado das reflexões desenvolvidas na pesquisa de mestrado intitulada “Personagens femininas na História: a literatura como fonte histórica e a oralidade para emancipação dos sujeitos”, realizada na Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II. Este Produto foi elaborado a partir das construções coletivas realizadas ao longo da oficina “Contando Histórias de Mulheres Brasileiras”, oferecida no ano de 2023 para estudantes dos 4º e 5º anos dos Anos Iniciais do turno da manhã do Campus Humaitá I, do Colégio Pedro II. Em nossos encontros, foram realizadas leituras e pesquisas sobre personagens femininas presentes no livro “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”, de autoria de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo (2017). Pesquisamos sobre a importância do papel que essas mulheres exerceram em seus contextos históricos, buscando aproximações entre o legado deixado por elas e as questões do tempo presente.

A oficina “Contando Histórias de Mulheres Brasileiras” desenvolveu uma sequência didática para a construção de um podcast, intitulado pelos estudantes de “Mulheres extraordinárias que marcaram o Brasil”, à luz da teoria sobre sequências didáticas de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A proposta é que este trabalho possa ser desenvolvido nas diferentes disciplinas curriculares da Educação Básica. Entende-se que, para isso, seja necessário realizar apenas a adequação de vocabulário, de grau de dificuldade e de conteúdo a ser trabalhado. Esse aspecto atribui ao Produto Educacional características de aplicabilidade e replicabilidade, contribuindo com o trabalho de docentes de diversas áreas e segmentos.

A ideia pautou-se em destacar a literatura como fonte para estudos históricos, criando possibilidades que envolvessem alunas e alunos nas aprendizagens e os estimulassem a participar de modo mais dialógico das aulas de História. Como proposta associada a esses estudos, pretendeu-se também potencializar a oralidade dos estudantes como recurso de aprendizagem, tendo como consequência desse processo a gravação do podcast com os conhecimentos adquiridos em nossos estudos. “A nova geração chega com a possibilidade de poder interagir, visto que antes as mídias de massa tinham apenas o intuito de criar audiência, não dando espaço para a interatividade” (Canfil; Rocha; Paz, 2009, p. 6).

A ideia de criar o podcast é dar protagonismo aos estudantes através da produção de conteúdo: eles estudam e passam à frente seus conhecimentos, não sendo apenas espectadores dos conteúdos que consomem, mas produtores deles a partir de suas próprias pesquisas, estudos e conhecimentos. Trago aqui o foco para a disciplina História, como potente para estudos que se aproximam das demandas sociais e da diversidade presente nas salas de aula de todo o país.

Conectar alunas e alunos à formação histórica do nosso país e apresentá-los aos verdadeiros atores históricos da nossa formação pode contribuir para um conhecimento mais crítico e reflexivo sobre suas realidades e a realidade do outro. Ainda que, para muitas gerações, essa História tenha sido negada em função de uma historiografia mais preocupada com as demandas do colonizador, é nosso papel, como professores, trazeremos para sala de aula uma História questionadora e reflexiva acerca da verdadeira formação do país.

Azevedo (2010) afirma que a história ensinada teve o papel de construir uma memória oficial única, fixa e estável, afastando a existência de vários sujeitos históricos da formação da identidade nacional. A partir do ensinado, criou-se, por muitas gerações, um distanciamento entre a disciplina História e as questões cotidianas que cercam nossa sociedade. Cabe a nós refletirmos a quem esse distanciamento serve e quais são as consequências diretas para a aprendizagem dos nossos alunos. O ensinado é nossa responsabilidade, portanto, o objetivo é inspirar estudantes e outros colegas docentes a desenvolverem trabalhos no ensino de História que inquietem e despertem a “curiosidade epistemológica” nos alunos e faça com que, ao terem possibilidade de acesso a diferentes pontos de vista sobre os assuntos, por meio de diferentes estratégias de letramento, possam escolher, de forma consciente e crítica, os caminhos que buscarão tomar em sua formação e em suas vidas enquanto cidadãos.

A escola, a nosso ver, exerce um papel fundamental na legitimação, constituição e solidificação do sentimento de pertença. A disciplina história tem assim uma função importante na construção deste ideário e na solidificação social de um reconhecimento e assimilação individual e coletiva desta pretensão de validade (Azevedo, 2010, p. 5).

Dias (2013) afirma que as novas tecnologias de informação e comunicação – TICS – têm exigido práticas de letramento que não se limitem às práticas canônicas já realizadas no contexto escolar. Para a

autora, esses textos multimodais e multissemióticos invadem o cotidiano dos estudantes, que precisam, cada vez mais, desenvolver habilidades de leitura e escrita conforme as modalidades e semioses utilizadas, ampliando, dessa maneira, suas noções de letramentos para multiletramentos. “Os multiletramentos preparam os alunos para as situações de interação em que sejam necessárias posturas mais contemporâneas de leitura e escrita, mais especificamente situações que envolvam o estudo da língua e o estudo dos gêneros” (Dias, 2013, p. 96).

Para a autora, o estudo dos gêneros favorece a interação entre os sujeitos. É possível concluir que os gêneros auxiliam na qualidade da comunicação entre os sujeitos nas situações cotidianas, podendo auxiliá-los em uma relação mais crítica nas interações que estabelecem entre pares. Em tempos em que as redes sociais dominam essas interações, é importante que nossos estudantes tenham consciência crítica sobre as informações que recebem e repassam. Compreendemos que o trabalho com os gêneros nas diferentes disciplinas seja fundamental para que deixem de ser instrumentos de comunicação e se tornem objetos de aprendizagem, como afirma Dias (2013).





Os Podcasts podem ser utilizados com o objetivo de usar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na construção de produtos vindos de educadores, educandos e toda a comunidade escolar, além de proporcionar um aprimoramento dos conhecimentos a respeito da linguagem radiofônica. Com o uso das TICs pode-se também, desenvolver habilidades orais, escritas de pesquisa e investigação (Canfil; Rocha; Paz, 2009, p. 12).

Os encontros realizados ao longo da disciplina foram bastante orgânicos, e a pesquisadora buscou o máximo possível a participação dos estudantes, incorporando suas ideias às práticas realizadas. No entanto, para essa construção, algumas etapas prévias precisaram ser seguidas; para isso, empregamos a sequência didática proposta pelos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Sugerimos ao docente que queira replicar ou criar sua própria sequência didática inspirada neste Produto, realize-a preferencialmente em formato de oficina ou a partir de um projeto. A pesquisadora entende que é possível desenvolver essa sequência didática em sala de aula. Porém, como a proposta consiste em se aprofundar em determinado tema histórico, partindo da literatura, seria mais significativo



para essa aprendizagem que os estudantes tivessem um recorte bem definido sobre o tema, o que pode ser mais bem alcançado nos modelos propostos acima.

Segundo Dias (2013), as sequências didáticas de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) objetivam:

-  desenvolver a capacidade comunicativa dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem;
-  criar contextos de produções reais;
-  possibilitar atividades múltiplas e variadas;
-  apresentar aos alunos “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 96-97 *apud* Dias, 2013, p. 98).

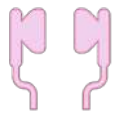
Se a contemporaneidade exige que a escola ofereça aos estudantes cada vez mais possibilidades variadas de trabalho com gêneros, valorizaremos o trabalho com gêneros orais, que, em muitos contextos, encontram-se segregados do ensino. É bem verdade que muito se fala sobre a necessidade de trabalhar com gêneros orais, mas pouco é produzido em relação ao trabalho com esse nível da língua; muitas vezes isso acontece por falta de conhecimento sobre o desenvolvimento de tais atividades em sala de aula. Não podemos considerar atividades como “leitura em voz alta” ou atividades de “conversa entre estudantes sobre determinado tema” como propostas de trabalho com gêneros orais.

O trabalho com gêneros orais requer delineamento do gênero que será trabalhado, oferta de atividades que explorem a vivência com esse gênero de diferentes maneiras e intencionalidade. Trabalhar com gêneros orais não é apenas explorar a fala dos nossos estudantes, mas os instrumentalizar para que possam saber se posicionar oralmente nos diversos contextos sociais que exigem o uso da fala. “Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 83). Em contextos escolares, como seminários, debates regrados, assembleia etc, e no cotidiano, como em entrevistas, testemunhos etc, é importante destacar que estamos falando sobre os gêneros orais formais públicos, cujo contato deve se dar em sala de aula, pois provavelmente nossos estudantes não terão outras oportunidades de vivenciar essas aprendizagens em outros contextos que não o escolar.

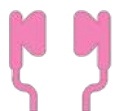
Destacamos a literatura como protagonista nesse processo, uma vez que, sendo uma abordagem que valoriza a oralidade, pode aproximar os estudantes do ensino de História de forma mais dialógica e crítica, possibilitando a associação de narrativas históricas às questões do tempo presente. A literatura, nesse contexto, torna-se o elo entre os estudantes e as descobertas que podem ser realizadas por meio da leitura.

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço.

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro (Cosson, 2006, p. 27).



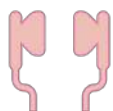
É importante destacarmos também que, uma vez que os estudantes passam a se envolver com as aprendizagens e estabelecer conexões com outras ideias e conteúdos, estamos falando de um processo autônomo de conhecimento que está diretamente relacionado a uma aprendizagem mais significativa para alunas e alunos. Essa é a proposta que é fio condutor das análises realizadas no percurso de toda a pesquisa, que através dos letramentos seja possível um envolvimento maior dos estudantes nas aulas de História, a fim de que possam ter uma visão historiográfica mais ampla, estabelecendo relações com questões sociais, econômicas, políticas, entre outras do tempo presente. Que os estudantes possam ter curiosidade pelo que estão aprendendo, e que essa curiosidade ingênua possa se tornar uma curiosidade epistemológica, como denomina Freire (2015, p. 85):



O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjectura, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuo comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço. Admito hipóteses várias em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chego a sua explicação. Satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência.



A criação do podcast “Mulheres extraordinárias que marcaram o Brasil” apresenta-se como consequência dessas aprendizagens que se tornam significativas ao longo das etapas do processo e da valorização do trabalho com gêneros orais. Foram valorizadas as escolhas realizadas por alunas e alunos quanto à forma de levar esses conhecimentos acerca das personagens estudadas para o podcast. Por isso, não existe uma rigidez na forma como esses áudios foram gravados; tudo partiu do interesse e da necessidade em cada um desses momentos. No entanto, aqui serão apresentadas as etapas que nos levaram a cada uma das gravações. Acredita-se que cada um desses momentos/etapas seja fundamental para a construção das aprendizagens realizadas ao longo de todo processo aqui relatado, sendo o podcast uma das possibilidades de comunicação – outras formas de comunicação/tecnologias poderiam ser utilizadas. Ou seja, cada professor, em sua realidade, a partir dos anseios dos seus alunos, pode desenvolver a proposta da maneira mais adequada/possível/desejada. Buscamos chamar atenção para a importância da oralidade e de trabalhos que



valorizem esse gênero, ensinando, de fato, nossos estudantes a desenvolver suas potencialidades nesse quesito.

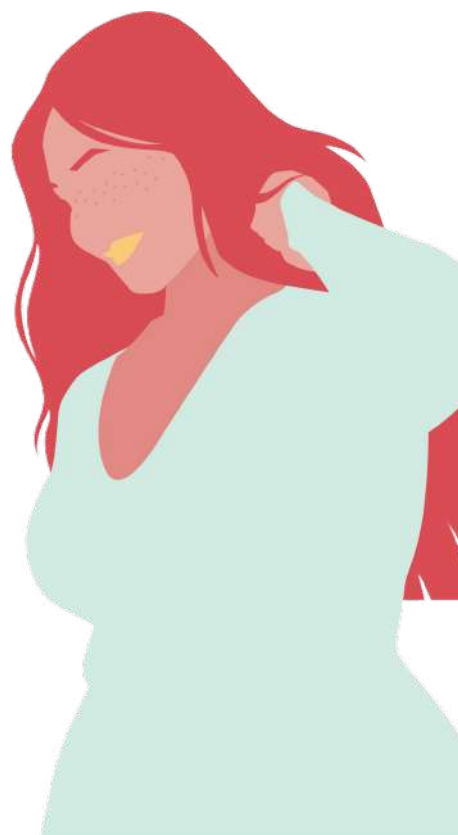
Além do podcast, os estudantes também sentiram a necessidade de levar suas produções para toda a comunidade escolar em formato de mural na Semana Pedagógica do colégio, realizada no mês de dezembro. Para isso, fizemos a adaptação do diário de bordo e o colocamos em exposição, dando maior visibilidade para o tema e para as produções realizadas pelo grupo de estudantes participantes da oficina.

Motivação para o desenvolvimento da proposta: as inquietudes da sala de aula

Ao longo da minha trajetória docente, a literatura e as possibilidades que podemos criar através dela para nossos estudantes e nós mesmos sempre foram objeto de estudo. Com uma carreira que se iniciou na Educação Infantil, foi possível explorar esse universo de forma bastante lúdica; além disso, observar o envolvimento que a literatura desperta nas crianças pequenas sempre foi muito intrigante. É muito interessante perceber as rupturas que o ensino da escrita ocasiona nas crianças, especialmente no que diz respeito às propostas de atividades, às brincadeiras e à própria organização do espaço escolar. Se a literatura pode encantá-los tanto, desde o começo da vida escolar, por que rompemos com essas propostas? Por que engessamos e transformamos tudo em exercícios voltados a um único ponto de vista ou a um único tipo de letramento?

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. É isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (Cosson, 2006, p. 17).

Acredito que, nesse sentido, as vivências dentro desta pesquisa e, conseqüentemente, neste Produto Educacional, deixam-me imersa na teoria de Cosson (2006), que busca nos convidar a perceber a potência da literatura para o ensino. É compreendo, aqui, que essa potencialidade pode e deve ser desenvolvida nas diferentes disciplinas, não se restringindo apenas à Língua Portuguesa ou a atividades que buscam desenvolver nos estudantes habilidades para leitura e interpretação. Ler, interpretar, expressar-se através



do próprio olhar e do olhar do outro são letramentos presentes em qualquer aprendizagem que realizamos. Portanto, possibilitar que nossos alunos possam aprender por meio dos diferentes letramentos é convidá-los para uma aprendizagem significativa que respeita também a produção desses estudantes, tornando o processo reflexivo.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e incomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2015, p. 25).

Freire (2015) traz em sua teoria uma ideia cíclica para a aprendizagem na qual mostra que, quando realizamos a docência, estamos formando e sendo formados. Portanto, realizar uma pesquisa a partir das inquietações que trazemos das nossas salas de aula remete a uma sensação de estarmos devolvendo para os estudantes e para a escola questões, ideias e propostas que podem ser ampliadas, replicadas e, mais do que tudo, inspirar novos questionamentos e fazeres dentro de sala de aula e nas pesquisas em Educação desenvolvidas em nosso país.

Inspirada pela potencialidade da literatura como fonte para o ensino de História, percebi, ao longo da minha trajetória docente, o quanto os estudantes se aproximaram das histórias contadas e o quanto conseguimos explorar conhecimentos a partir dessas leituras. Personagens de tempos históricos diferentes, momentos históricos distintos, guerras, religiosidade, colonização, poder, esses e muitos outros temas aparecem na medida em que os estudantes se sentem à vontade para perguntar, falar e explorar suas curiosidades. Se não estivermos atentos, as aulas de História podem se tornar um ritual de passagem de conteúdos esvaziados de sentido por serem, em sua maioria, ideias abstratas e que não se conectam com as diversas realidades dos estudantes.

A inquietação que traz meus estudos para esse ponto de análise vem da dificuldade que venho percebendo ao longo dos anos de termos bons livros didáticos com uma visão ampla da história e que sejam, em sua essência, questionadores de uma história pautada no colonialismo que nos foi imposto. Além disso, a expectativa que se tem acerca dos estudantes nos Anos Iniciais sobre o que precisam saber de história é quase sempre direcionado a um “preparo” para a próxima etapa de ensino, os Anos Finais, nos quais percebemos uma rigidez muito maior dos currículos em relação ao ensino que precisa ser realizado. Nos Anos Iniciais, podemos conceber uma experiência histórica muito mais ampla para nossos estudantes, desenvolvendo conceitos de forma muito mais articulada às suas necessidades, demandas e realidades.

A pergunta que me trouxe até aqui é: a literatura, como abordagem que valoriza a oralidade, é uma estratégia para uma aprendizagem significativa na disciplina História nos Anos Iniciais do

Ensino Fundamental? Ao longo das etapas da oficina aqui relatada, que terá como ponto de chegada a gravação do podcast “Mulheres que mudaram o Brasil”, veremos o quanto os estudantes evoluíram no percurso do processo, a partir do protagonismo da literatura para uma História outra, da importância do trabalho com a oralidade e da apropriação do gênero oral que permeou todo o processo desenvolvido.





DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

POR UMA HISTÓRIA OUTRA: PRIMEIROS CONTATOS



O primeiro passo para iniciar a proposta de sequência didática foi delimitar o tema histórico com o qual trabalharíamos. Como aqui estamos falando de uma pesquisa que precisaria ter um recorte específico, a pesquisadora trouxe a ideia pronta, falar sobre o papel da mulher na sociedade brasileira e os apagamentos históricos sofridos por elas. Essa é uma possibilidade, mas que não é nem pretende ser única. É possível levantar temas que estejam gerando curiosidade entre os estudantes e propor um projeto/oficina em torno; é possível também que os estudantes participem ativamente dessa escolha, perpassando as etapas do método científico e pesquisando sobre assuntos diversos que possam ser defendidos, em grupos que sejam afins, e serem levados para votação. O caminho para chegar a uma proposta de atividade como essa pode ser plural, mas o fim é poder engajar cada vez mais nossos estudantes nas aulas de História.

Ao iniciar efetivamente a proposta, conversei com os estudantes sobre suas relações com as aulas de História e suas expectativas. É importante que, nesse primeiro momento, os estudantes possam ser ouvidos e possam trazer suas demandas em relação à proposta de estudo; nesse caso, busquei analisar as demandas e inquietações dos alunos acerca do ensino de História, mas você pode e deve adequá-las às da sua sala de aula.

Abaixo, segue a lista de perguntas proposta para esse momento:



- 1 - Qual é sua relação com as aulas de História?
- 2 - O que você gostaria de aprender/conhecer/descobrir nas aulas de História?
- 3 - Qual é sua relação com a literatura?
- 4 - Você considera que pode aprender História por meio da literatura? Como?
- 5 - Como você participa das aulas de História? Costuma expor suas opiniões sobre os assuntos abordados?
- 6 - Você conhece personagens femininas da história do Brasil? Como as conheceu?



Os dados recolhidos na conversa inicial servem tanto para estabelecer uma conexão e nos aproximar dos estudantes, quanto para que o professor possa ouvir seu grupo de alunos, adequando suas propostas às expectativas/necessidades deles. Portanto, as propostas aqui apresentadas podem e devem ser adaptadas visando os estudantes que as realizarão, gerando novas propostas que também podem inspirar outros docentes.

Os primeiros contatos giraram em torno da apresentação da proposta, que logo teve uma resposta positiva dos alunos, bem como a apresentação do livro com o qual trabalharíamos, “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil” (2017). Os estudantes rapidamente elencaram outros livros, disponíveis na biblioteca ou de seus acervos pessoais que tinham a mesma temática. Não era a ideia explorar esses outros títulos em função do recorte necessário para a realização da pesquisa; no entanto, esse pode ser um importante disparador para sua proposta. Ao estabelecerem o assunto histórico tratado, é uma ótima estratégia elencar literaturas disponíveis para a leitura do grupo, títulos que possam ser acessados tanto online, quanto os que estejam disponíveis para os estudantes na biblioteca da escola.

É importante envolver os estudantes nas diversas etapas do trabalho realizado e incorporar suas propostas. Isso é importante para nosso trabalho docente, que não deve ser rígido, e sim estar em consonância com as necessidades dos nossos alunos. Além disso, dar voz a eles revela confiança, o que pode gerar bons resultados no envolvimento com os conteúdos que estão sendo estudados. Ao

longo dos relatos a seguir, serão apresentadas fotos dos estudantes trabalhando na oficina. As imagens mostram momentos de estudo coletivo, processos de leitura, construção do diário de bordo, estruturação do podcast e ensaios para a gravação. O momento das gravações, infelizmente, não foi fotografado, uma vez que o celular utilizado para as gravações era o mesmo para as fotos.

Foto 1 - Estudante produzindo diário de bordo



Fonte: A autora, 2024

A importância do trabalho com oralidade em sala de aula: gênero podcast

Outra etapa importante desse processo é colocar os estudantes em contato com o gênero podcast, investigando junto a eles podcasts que já tenham escutado ou escutem e trazendo também outros exemplos propostos por você. Nesse momento, trouxe exemplos dos podcasts mais ouvidos no Brasil e, dentre eles, aquele que pessoalmente mais ouço, o “Mano a Mano”. Os estudantes demonstraram não ter o hábito de ouvir podcasts, mas conheciam alguns deles por conta de familiares que ouviam. Além disso, pesquisamos também alguns podcasts voltados para crianças e jovens, muitos conectados a quadrinhos ou games. Essa pesquisa inicial os colocou em contato com o gênero e trouxe exemplos de como esses podcasts podem se estruturar, seja através de uma conversa aberta, seja através de perguntas e respostas, seja através de quadros específicos, mas com uma coisa em comum: termos um tema para ser explorado e organizar as ideias, tendo contato e se apropriando do gênero oral.

Esse contato com o gênero aqui proposto não só familiariza os estudantes com as abordagens pretendidas, possibilitando a eles que também possam trazer suas experiências com o assunto, como também é fundamental para o início de qualquer projeto que pretenda ser realizado na coletividade da sala de aula. É importante que os estudantes saibam do que se trata, possam tirar suas dúvidas e apresentar ideias para o que estão construindo. Alguns estudos já apontam para a importância de se trabalhar com as diferentes tecnologias; entretanto, cada espaço escolar tem suas especificidades, por isso nem sempre é possível explorar essas ideias, uma vez que o acesso é fundamental. Nesse caso, busquei tornar todo o processo o mais simples possível para que, de fato, se tornasse algo acessível, realizável, e inspirasse outras salas de aula do mesmo modo como fazia constante com as minhas.

É possível perceber que levando para a sala de aula ferramentas de comunicação, o professor poderá garantir uma espécie de produção mais crítica do conhecimento. Debater questões sociais divulgadas por meio de programas de rádio, de TV, de jornais e até mesmo do Podcast – instrumento de estudo deste trabalho –, é uma opção interessante para que os educadores promovam conhecimento interligado com as tecnologias da informação (Canfil; Rocha; Paz, 2009, p. 5).

Além de estarmos promovendo outras formas de aprender os conteúdos históricos, estamos dialogando com os modelos atuais de produção de conteúdos que são tão valorizados pelos jovens. Podemos aproveitar o engajamento que eles revelam para o uso dessas ferramentas e mostrar que é possível aprender com elas, produzindo conteúdos relevantes socialmente e que possam envolver a comunidade escolar.



A chegada de novos artefatos tecnológicos na escola, como Internet, tv digital, jornal e rádio podem assustar, mesmo porque estes não têm chegado em caixas com seus respectivos manuais inteiramente pedagógicos. Estes artefatos tornam-se presentes não apenas como fontes para aquisição de informações, mas para incorporar, produzir e disseminar descobertas e ações na busca de realizações que possam promover a aprendizagem dos alunos. As várias mídias integradas em sala de aula, como meios de comunicar e fazer aprender, são mais um desafio que quando enfrentado pode ou não potencializar os bons resultados no trabalho pedagógico (Barros; Menta, 2007, p. 1).

Aqui unimos a literatura, a valorização da oralidade e os usos da tecnologia buscando uma aprendizagem mais significativa e que seja reflexiva para nossos estudantes. Quando o aluno fala, ele está ao mesmo tempo expressando suas ideias e refletindo sobre elas. Ao falar, eu me escuto e aprendo a ouvir o

outro. Trabalhar com a oralidade deve ser algo constante. Em muitos momentos, lançamos mão da oralidade, mas quase sempre estamos mais preocupados com os conteúdos a serem apresentados/aprendidos do que com o ensino de como os estudantes podem se apropriar do gênero oral em questão. Ao apresentarem um seminário ou realizarem uma entrevista, uma exposição oral, uma assembleia, entre outros, os estudantes estão trabalhando com gêneros orais e precisam saber como organizar sua comunicação para cada uma dessas situações. No cotidiano, eles também precisarão lançar mão de diferentes formas de comunicação para as diversas situações com as quais terão contato. É importante que nossos alunos e alunas saibam identificar e realizar o quê/ para quê/ para quem/ com que objetivos irão estabelecer essa comunicação. O conhecimento do gênero precisa ser instrumentalizado para que possa ser efetivo para as múltiplas situações de comunicação; dessa forma, o gênero passa a se tornar instrumento para as trocas pretendidas.

O instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização. Esses esquemas de utilização são plurifuncionais: por meio deles, o instrumento faz ver o mundo de uma certa maneira e permite conhecimentos particulares do mundo [...] (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 22).

Foto 2 - Estudantes realizando parte das pesquisas coletivas sobre a jogadora Marta Vieira



Fonte: A autora, 2024

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE SCHNEUWLY E DOLZ

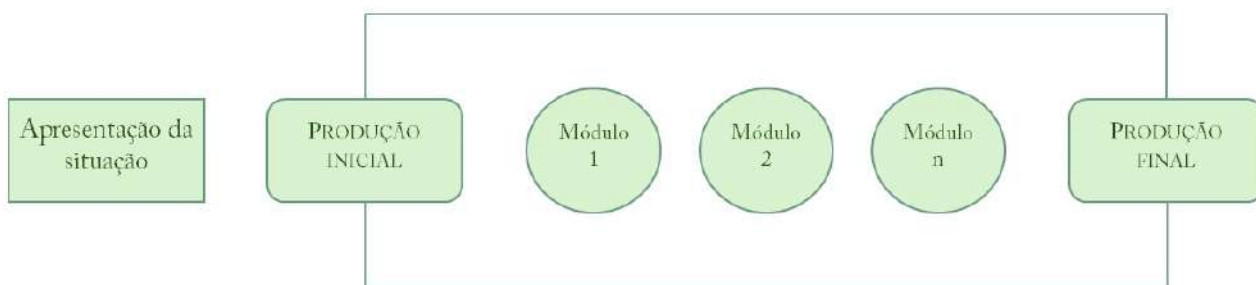


Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 82), “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Trabalhar com os gêneros possibilita que tenhamos mais facilidade em nos adaptarmos às situações de comunicação. Como salientado anteriormente, o ato da comunicação carrega consigo inúmeros sentidos e significados, os gêneros não são estáticos e se tornam instrumento de comunicação de acordo com seu tempo histórico. Ainda segundo os autores, “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever, falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 83). Dessa forma, as sequências didáticas passam a dar aos alunos acesso a novas práticas de linguagem às quais, na maioria das vezes, eles só terão oportunidade de se debruçar para aprendizado no espaço escolar.

A estrutura da sequência didática proposta por Dolz e Schneuwly (2004) se divide em, pelo menos, quatro etapas: a apresentação da situação, a primeira produção, os módulos e a produção final.



Ilustração 1 - Esquema de Sequência Didática



Fonte: Schneuwly; Dolz, 2004

Os autores definem a apresentação da situação como a etapa em que será apresentada, de forma detalhada, a atividade de expressão oral ou escrita que será realizada, e convidam os estudantes a realizarem seu primeiro texto inicial, oral ou escrito, correspondente ao gênero trabalhado, sendo esta a produção inicial. Nesse momento, o professor poderá avaliar as habilidades já adquiridas pelos discentes em relação ao gênero trabalhado e alinhar os próximos passos da atividade e os módulos – de acordo com as demandas observadas, dedicando mais ou menos tempo para determinados conteúdos. Será nesse instante também que, para os autores, o professor irá definir o significado da sequência para os alunos, buscando delimitar as capacidades que devem ser desenvolvidas para o melhor domínio do gênero em questão.

Inspirada na sequência proposta pelos autores, a oficina “Contando Histórias de Mulheres Brasileiras” teve o seguinte esquema de organização sequencial:

Encontros	Na oficina	Tarefa para casa
1	Conversa inicial Escolha da personagem/ Leitura/ Trocias de ideias/ Início das pesquisas sobre a personagem	Pesquisar sobre a personagem escolhida
2	Diário de bordo Conversa sobre as pesquisas realizadas em casa/ Trocias de ideias/ Produção artística, visual e escrita sobre a personagem	Criar tópicos sobre as informações estudadas que sejam mais relevantes, para estruturação do podcast
3	Estruturação do podcast Conversa sobre o gênero/ Contato com o gênero/ Estrutura escrita do “episódio”	Estudar o roteiro para gravação do podcast
4	Gravação do podcast	

Fonte: A autora, 2024

A oficina se estabeleceu a partir do ciclo de encontros listados. As contribuições dos estudantes também foram aproveitadas ao máximo durante todo o processo; as sugestões da produção artística para a realização do diário de bordo partiram de ideias deles, por exemplo. Os alunos sempre terão algo com o que contribuir, sendo fundamental criar um espaço de escuta e de criação para eles, possibilitando uma aprendizagem significativa, ponto no qual as ideias de Schneuwly e Dolz (2004) se conectam às de Freire (2015).

No encontro 1 de cada ciclo, os estudantes debatem a escolha da personagem com a qual gostariam de se familiarizarem mais. O livro de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo, base literária para nossos estudos, passa a ser protagonista nesse momento, quando alunas e alunos exploram sua leitura, levando-os a conhecer mulheres diversas, algumas já conhecidas de trabalhos em outras propostas. Aliás, muitas vezes esse era o caminho das escolhas e problematizar o porquê delas fez parte de todo o processo. Nessas situações também conversamos sobre os apagamentos históricos das mulheres na história do nosso país; os estudantes destacaram a pouca ou nenhuma menção a essas mulheres nos livros didáticos aos quais tinham acesso, bem como às situações vivenciadas pelas mulheres na atualidade em relação à violência doméstica, sexual, ao seu papel no mercado de trabalho, aos ideais de beleza, entre outros assuntos.

Importante destacar que, ao sugerir que estudássemos personagens femininas históricas, estamos falando também das mulheres dos nossos cotidianos. Em muitos momentos, foram abertos espaços para falarmos sobre essas figuras. Em cada aula, eu pedia para uma criança apresentar uma mulher da sua vida – essa iniciativa, inclusive, tornou-se um dos episódios do podcast, no qual reuni as falas dos alunos sobre essas mulheres durante algumas rodas de conversa. Buscar essa conexão com as vivências dos estudantes é também muito importante para sua sequência didática de trabalho; o discente sente-se mais confiante para falar, os encontros tornam-se dinâmicos, eles fazem associações, sendo possível fazê-los traçar importantes ligações entre a História e a experiência cotidiana. Compreender que nós somos atores históricos é parte importante do processo de ensino da disciplina.

Schneuwly e Dolz (2004) destacam que, ao apresentar a situação inicial, estamos colocando a turma em contato com o gênero que será trabalhado, construindo uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada.

As indicações da situação de comunicação devem caminhar para as respostas das seguintes questões propostas pelos autores:

1) Qual o gênero que será abordado?

Neste caso, o gênero trabalhado foi o podcast. Por isso, a importância da apresentação do gênero e do contato dos estudantes com outros podcasts levantados por eles ou pelo professor. É importante que eles leiam ou escutem, apropriando-se, ao longo das aulas, do gênero que será trabalhado! Aqui, você irá apresentar o gênero com o qual pretende trabalhar. Desafie-se com o trabalho com gêneros orais!

2) A quem se dirige a produção?

A quem se destina a produção que será realizada? Os destinatários podem ser múltiplos! Neste caso, pretendemos envolver a comunidade escolar através da disponibilização dos podcasts e da produção do mural para a Semana Pedagógica do colégio.

3) Que forma assumirá a produção?

Aqui, utilizamos a gravação de áudios, que se tornaram o podcast “Mulheres que mudaram o Brasil”. Mas você, colega professor, pode explorar outras possibilidades, como: gravação em vídeo, folheto, carta a ser enviada, representação em sala de aula etc.

4) Quem participará?

Trabalhamos em uma oficina com um grupo restrito de estudantes, promovida para os alunos de 4º e 5º anos que revelaram interesse pelo tema tratado, sendo realizada no contraturno dos estudantes do horário da manhã. No entanto, o projeto pode ser facilmente aplicado em sua sala de aula!

* * *

A fase inicial da apresentação da situação permite, portanto, fornecer aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo visado e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado. Na medida do possível, as sequências didáticas devem ser realizadas no âmbito de um projeto de classe, elaborado durante a apresentação da situação, pois este torna as atividades de aprendizagem significativas e pertinentes (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 85).

A primeira produção ou produção inicial permite a construção de um caminho que, para os autores, pode motivar tanto a sequência como os estudantes. Esse é um momento muito importante do processo, já que os estudantes, ao se apropriarem do que será trabalhado, na primeira produção podem revelar suas potencialidades e limitações, que deverão ser consideradas para todo o desenvolvimento dos conteúdos que estarão presentes nos módulos. Para a gravação do podcast, a cada escolha de personagem e trocas de ideias sobre o que poderíamos explorar de sua história, era como se estivéssemos novamente na primeira produção. No entanto, a evolução dos estudantes em relação à apropriação do gênero já era mais evidente. Eles trocavam ideias entre si, levantavam questões e desenhavam de que forma apresentariam isso para as pessoas.

[...] a produção inicial tem um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os alunos quanto para o professor. Para os alunos, a realização de um texto oral ou escrito concretiza elementos dados na apresentação da situação e esclarece, portanto, quanto ao gênero abordado na sequência didática. Ao mesmo tempo, isso lhes permite descobrir que já sabem fazer e conscientizar-se dos problemas que eles mesmos, ou outros alunos, encontram. Por meio da produção, o objeto da sequência didática delinea-se melhor nas suas dimensões comunicativas

e também se manifesta como lugar de aprendizagem necessária das dimensões problemáticas (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 86).

A forma como eles deveriam trazer suas pesquisas particulares de cada personagem foi deixada em aberto. Alguns estudantes trouxeram material escrito ou impresso, outros abordaram conversas que tiveram com seus familiares, trouxeram desenhos; outros, livros com informações que poderíamos usar. Essa foi uma estratégia que se mostrou frutífera, pois incentivou os estudantes a trazer suas contribuições. Evidentemente, muitos esqueceram de trazer essas devolutivas, mas, de certa forma, o assunto surgiu em casa ou entre eles e outros colegas, então sempre tiveram algo a dizer, contribuir.

A partir das trocas realizadas nesse contato entre os estudantes e as informações que trouxeram para a aula, iniciamos a construção do podcast, que se deu em dois módulos (etapas 2 e 3). Primeiro, o grupo realizou a criação do diário de bordo com todas as informações que consideraram importantes para nossa gravação. A ideia era que as páginas fossem bem visuais e se estruturasse como uma “chuva de ideias” realizada por eles. Os desenhos foram muito explorados; colagens, escrita, todos se tornaram elementos e um todo coeso para eles. Essa etapa foi importante para uma espécie de acomodação que os alunos realizaram acerca das questões que haviam abordado. Nesse momento, acabaram fazendo novas perguntas, pesquisaram, entraram em embate, enfim, foi um processo muito interessante de aprendizagem para todos.

Realizar essa etapa em sala de aula pode ser mais confuso em função do número de estudantes presentes. Ao relatar minha experiência, não perco de vista o fato de tê-la realizado com um grupo restrito de discentes. Porém, é possível dividi-los em pequenos grupos, nos quais organizam suas ideias juntos para fazer as anotações. É possível, nesse momento, explorar outros espaços da escola, como pátio ou quadra, colocando-os em espaços ao ar livre que estejam disponíveis. Não deixe de experimentar a grandiosidade que é vê-los estudando e aprendendo nesse coletivo, que pode parecer caótico em um primeiro momento, mas se torna frutífero à medida que se torna constante.

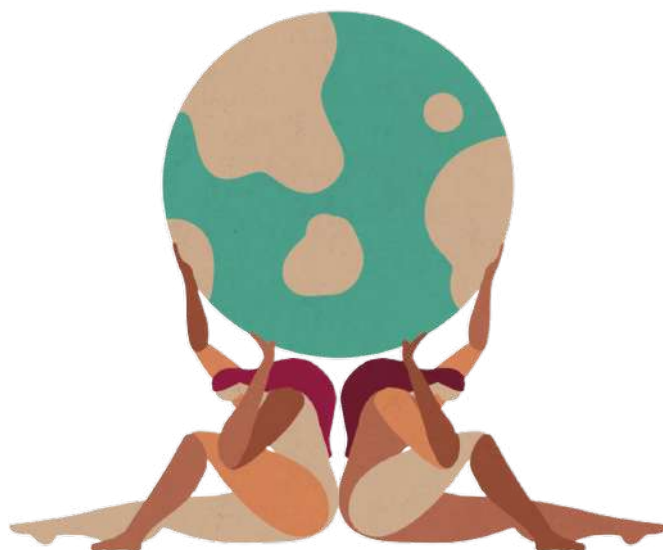


Foto 3 - Estudantes realizando, em grupo, a estruturação de um dos podcasts



Fonte: A autora, 2024

Após a organização coletiva dos pontos importantes a serem mencionados sobre a personagem estudada, passamos para o segundo momento dessa etapa, que é a construção do roteiro do podcast. O podcast tem algumas características próprias e, enquanto gênero oral, é necessário que essa construção leve em consideração qual a intencionalidade da gravação, para qual público estamos falando, entre outras características específicas desse gênero.

Moura e Gribl (2013) discutem, em seu texto “Radioblog”, a elaboração de um podcast para radioblog, no qual podemos destacar informações importantes a respeito do gênero podcast. Os autores levam em consideração a forma de comunicação entre jovens que se relacionam com suas culturas locais, como se inserem em práticas sociais letradas escolares valorizadas ou são excluídos delas e de que maneira fazem uso da escrita e de outras semioses para, principalmente, construírem suas identidades. Para os autores, devemos compreender “[...] os jovens, antes de tudo, como sujeitos e agentes sociais protagonistas na construção de práticas e conhecimentos significativos” (Moura; Gribl, 2013, p. 234).

Os enunciados produzidos pelos jovens durante a produção do podcast podem assumir variadas e flexíveis formas de organização (formas composicionais coesas em seu conjunto de enunciados), a partir do que eles pensam dos assuntos vinculados bem como de sua apreciação de valores sobre seus ouvintes, assumindo diferentes estilos de linguagem (julgadas como pertinentes para a elaboração dos sentidos pretendidos) (Moura; Gribl, 2013, p. 240).

Os autores falam sobre esse protagonismo dos jovens nas produções vinculadas aos espaços de interação social online, internet, em um momento em que os podcasts ainda não tinham a propagação e

influência que apresentam nos dias atuais. Podemos associar algumas características descritas pelos autores a respeito da radioblog aos podcasts. Assim, a incorporação de um tempo-espço múltiplo, histórico, biográfico, individual e cíclico se relaciona às diferentes redes sociais, nas quais estão inseridos produtores e ouvintes, estando disponíveis em arquivos de áudio ou posts com periodicidade variada e podendo ser escutados a qualquer momento, inclusive não necessariamente de forma contínua. "Na busca pela informação rápida e acessível, o podcast surge como alternativa que possibilita ao usuário ajustar a busca pela informação ao tempo disponível para adquirir conhecimento" (Canfil; Rocha; Paz, 2009, p. 10). O podcast pode não apenas comunicar, mas unir pessoas que tenham interesse por determinado assunto.

A construção de sentido em um texto está diretamente relacionada a seu tempo, cultura, língua e visão particular de quem escreve. Por isso, construir um roteiro base, que poderá ser utilizado em todas as gravações e guiará a forma como o grupo pretende se comunicar com a comunidade escolar, pode ser uma boa estratégia. No caso da oficina aqui relatada, esse roteiro nem sempre foi seguido; os estudantes acabaram se organizando de maneiras diferentes em cada uma das gravações, o que não gerou perda na qualidade das aprendizagens. Acredito que essa tenha sido a melhor forma que eles encontraram para se organizarem, e cabe a você, professor, avaliar seu grupo e propor o melhor para a organização deles.

É possível propor uma estrutura base para esse roteiro, no entanto, o recheio dessa construção será realizado pelas crianças. Abaixo, segue a estrutura que propus aos estudantes na primeira gravação:



Roteiro para o podcast:

- 1) Vinheta de abertura (pode ter ou não)
- 2) Apresentação do podcast, da abordagem e da periodicidade (os estudantes podem manter o nome da oficina como nome do podcast ou criar outro título que esteja relacionado à temática)
- 3) Apresentação dos estudantes envolvidos no projeto



Possibilidade de abertura:

Apresentador 1 (A1), BEM-VINDOS AO PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST (NOME DO PODCAST)// Apresentação da pessoa



Apresentador 2 (A2), EU SOU / Apresentação da pessoa // E O LIVRO ESCOLHIDO PARA DISCUTIRMOS ESTE TEMA SERÁ O "EXTRAORDINÁRIAS: MULHERES QUE REVOLUCIONARAM O BRASIL", DE AUTORIA DE DUDA PORTO DE SOUZA E ARYANE CARARO.





(A1), TODO MÊS TRAREMOS HISTÓRIAS DE MULHERES REVOLUCIONÁRIAS QUE NÃO COSTUMAM APARECER NOS RELATOS HISTÓRICOS//



(A2), ESTAMOS AQUI PARA PRESERVAR A MEMÓRIA DESSAS MULHERES E VALORIZAR O PAPEL DELAS NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO NOSSO PAÍS//



(A1), PRECISAMOS PRESERVAR A MEMÓRIA DESSAS PERSONAGENS, E HOJE VAMOS FALAR DA ...



Essa é apenas uma ideia de como os estudantes podem iniciar a comunicação no podcast. No entanto, esse roteiro não é fixo. A forma como irão se dirigir ao público, as informações que serão inseridas, esses e outros dados serão construídos coletivamente como já mencionado. Esse já será um ótimo trabalho, que pode ser construído em quaisquer disciplinas e pode auxiliar a aproximação dos alunos com os conteúdos a serem aprendidos.

Dentro dos módulos, abordamos os conteúdos que seriam trabalhados sobre cada personagem, desenvolvemos questões que nos suscitaram outras ideias e, pensando em uma abordagem mais extensa, essas mesmas questões já poderiam gerar novas pesquisas e propostas de projeto. Será também ao longo dos módulos que serão abordados os problemas que aparecem na produção inicial dos estudantes e devem ser melhor trabalhados, como sinalizam Schneuwly e Dolz (2004). É interessante constatar, na sequência proposta para a oficina, que a cada nova personagem estudada temos a sensação de estar em um novo começo, uma nova produção inicial. Contudo, o movimento que acontece com os estudantes é de amadurecimento do gênero, e novas ideias para questões vão aparecendo.

O movimento geral da sequência didática vai, portanto, do complexo para o simples: da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma outra capacidade necessária ao domínio de um gênero. No fim, o movimento leva novamente ao complexo: a produção final (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 88).

Os módulos: possibilidade de diferentes modos de trabalho

Produzir textos escritos e orais é um processo complexo, com vários níveis que funcionam, simultaneamente, na mente de um indivíduo. Em cada um desses níveis, o aluno depara com problemas específicos de cada gênero e deve, ao final, tornar-se capaz de resolvê-los simultaneamente (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 88).

Ao longo dos nossos encontros, realizamos muitas conversas, pesquisas, acessamos novos questionamentos gerados a partir das conversas realizadas, criamos oportunidades de uso da criatividade, ampliamos nosso repertório histórico e tivemos contato com a estrutura do gênero oral com o qual estávamos trabalhando. Entendo que a sequência proposta não apenas possibilitou que os alunos tivessem maior contato com sua oralidade na busca pela elaboração do podcast, mas também se letraram historicamente a partir de um

conhecimento que foi se estruturando junto ao gênero e a cada etapa na qual eles precisavam criar em função daquelas ideias. Nesse sentido, percebeu-se uma aprendizagem significativa, à medida que os estudantes tomavam para si a responsabilidade de fazer o que projetaram acontecer e, mais do que isso, demonstravam estar realmente munidos daqueles conhecimentos. Acredito que a sequência proporcionou um duplo contato com o gênero, tanto através das aprendizagens históricas quanto do letramento histórico, com o objetivo de trabalhar esses conhecimentos por meio do gênero.

Através das personagens estudadas, foi possível refletirmos sobre o porquê da invisibilização do papel histórico da mulher. Conversamos sobre a questão salarial envolvendo a mulher na sociedade atual – essas trocas apareceram muito ao abordarmos a história da jogadora de futebol Marta, que mesmo sendo uma das maiores atletas do futebol feminino de todos os tempos não tem o mesmo salário e os mesmos patrocínios dos jogadores do masculino. Pudemos falar do papel das mulheres no processo de independência do nosso país em relação ao colonizador, vide as histórias de resistência de Maria Felipa de Oliveira e de Dandara. Os estudantes refletiram sobre a força feminina no comando das incursões contra os colonizadores e sobre a importância delas em movimentos sociais desse período, incluindo o papel de liderança de Dandara na formação e resistência do Quilombo dos Palmares, algo pouco lembrado nas abordagens dessa formação. Abordamos as problemáticas cada vez mais atuais de violência contra a mulher, os diversos abusos que sofremos socialmente e, nesse momento, os alunos puderam trazer relatos pessoais de situações vividas por suas mães, avós, irmãs, tias ou mulheres próximas de seu convívio cotidiano. Falamos tanto sobre mulheres que inspiram nossas vidas, quanto mulheres com grande destaque social na atualidade, como Greta Thunberg, Malala Yousafzai e também Marielle Franco, que mesmo depois de ser violentamente assassinada ainda é símbolo de resistência e luta social em nosso país. O que trago com esse breve relato dos conteúdos que perpassaram as aulas é que a proposta com uma sequência didática abre possibilidades múltiplas de trabalho e aborda conteúdos com os quais você pretende trabalhar com um maior envolvimento dos estudantes, uma vez que suas experiências de aprendizagem são construídas em parcerias, entre eles e com o professor.

Em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possível, dando assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 89).

Outra etapa muito importante dentro dos módulos de trabalho foi possibilitar o maior número de experiências de trabalho com o que eles estiveram elaborando e, conseqüentemente, com o gênero proposto. Isso possibilitou aos estudantes lançar diferentes olhares para uma mesma proposta, exercitando sua criatividade, autonomia, memória, entre outros. Ao longo do processo aqui relatado, percebeu-se também maior apropriação e envolvimento, uma vez que, a cada nova etapa, as crianças se sentiam mais protagonistas do que estavam realizando. Em dado momento, a proposta já não era mais da minha pesquisa, era do interesse e da pesquisa deles.



No caso da nossa sequência, o trabalho com o gênero oral foi construído no decorrer de diferentes etapas: quando os estudantes comunicavam suas ideias de forma livre durante as escolhas das personagens que seriam estudadas e realizavam as leituras propostas, justificando suas demandas; após a realização das pesquisas, quando já era percebido um maior domínio sobre o tema e eles traziam informações mais elaboradas a partir de suas descobertas; ao realizarem a construção do diário de bordo, em que era necessário usar a criatividade para organizar as ideias oriundas de suas argumentações e as transcrever para o papel; durante a estruturação do podcast, quando da criação dos roteiros, nos quais eles precisavam organizar de que forma comunicariam as ideias, preparando as falas, memorizando-as, ensaiando os detalhes, o tom de voz, entre outros processos.

A palavra pronunciada é dita de uma vez por todas. O processo de produção e o produto constituem um todo. O controle do próprio comportamento deve ser realizado durante a produção, o que somente é possível numa certa medida. É, portanto, importante criar automatismos; preparar a fala, sobretudo se esta é pública, por meio da escrita e da memorização; considerar seu texto oral como o produto de uma preparação aprofundada que, em situação, não supõe, de fato, mais do que variações devidas aos imprevistos da comunicação em ato (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 95).

É importante destacar que encontramos dificuldades ao longo do processo. A estruturação do podcast não foi tarefa fácil, as crianças tiveram especial resistência em transcrever para o papel aquilo que pretendiam comunicar. Revelaram ter dificuldade para trazer as tarefas de casa que tinham essa finalidade e, por isso, essa fase do processo exigiu adaptações. Primeiro, conversas sobre sua importância para a comunicação oral, estruturar o que se pretende comunicar adequando a linguagem à situação de comunicação, organizando as ideias dentro de um tempo proposto e elencando os tópicos mais importantes ou que se elegeram mais importantes dentro de todas as etapas de nossas trocas. Uma das estratégias utilizadas foi a organização de um roteiro coletivo, em uma escrita que se iniciava com pequenos grupos em sala e se tornava de todos. Projetar o texto, ler juntos em voz alta, estabelecer conversas sobre o que entraria ou não – esse foi um módulo que precisou de maior atenção. As observações realizadas foram importantes, porque tal módulo não falou apenas sobre o trabalho que estava sendo realizado como mostrou também as dificuldades que os estudantes estavam tendo para organizar as ideias de forma coesa; isso daria muito material para aulas de produção de texto em Língua Portuguesa. A sequência didática visava melhorar a relação dos estudantes e suas produções nas aulas de História, mas quando trabalhamos a partir dos gêneros, podemos extrapolar e estabelecer conexões outras que irão contribuir ainda mais com as aprendizagens dos estudantes. Ensinar isso foi como plantar uma sementinha no grupo, que, apesar da resistência inicial nessa etapa do processo, buscou, a cada nova gravação, estruturar melhor aquilo que pretendia comunicar.

As sequências visam ao aperfeiçoamento das práticas de escrita e de produção oral e estão principalmente centradas na aquisição de procedimentos e de práticas. Ao mesmo tempo em que constituem um lugar de intersecção entre atividades de expressão e de estruturação, as sequências não podem assumir a totalidade do trabalho necessário para levar os alunos a um melhor domínio da língua e devem apoiar-se em certos conhecimentos, construídos em outros momentos. Ambas as abordagens são, portanto, complementares (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 96).

Foto 4 - Estudantes realizando, em grupo, a confecção do diário de bordo



Fonte: A autora, 2024

Foto 5 - Estudantes realizando, em grupo, a confecção do diário de bordo



Fonte: A autora, 2024

Foto 6 - Criação do diário de bordo: inspirações para a imagem de Marielle Franco



Fonte: A autora, 2024

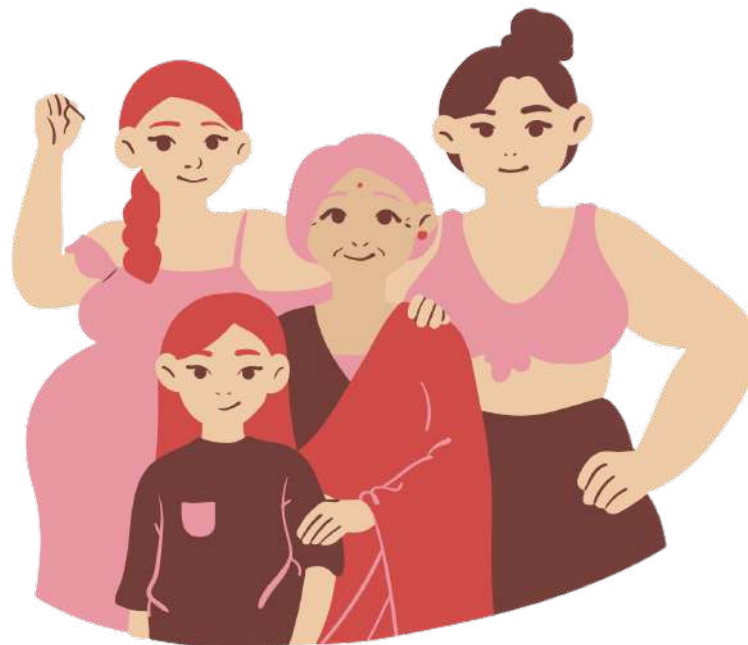
Foto 7 - Criação do diário de bordo







Fonte: A autora, 2024

A gravação do podcast

A gravação do podcast (etapa 4) contou com uma estrutura simples. A ideia era que fosse algo que pudesse ser facilmente replicado em sala de aula, utilizando um celular e um aplicativo de gravação de voz. É possível baixar um programa para gravação na loja de aplicativos do celular. O gravador de voz facilita a edição, apresenta melhor qualidade para o produto final e tem efeitos que conseguem equalizar melhor o som, eliminando possíveis ruídos externos. O editor utilizado neste projeto foi o Audacity, um editor gratuito e encontrado facilmente na internet; já para gravar a voz pode ser qualquer aplicativo, desde que garanta o formato .mp3. O trabalho de edição foi realizado pela pesquisadora e compartilhado com os estudantes para que tivessem contato com sua produção, sendo um incentivo para as novas produções e para que analisássemos o que precisava ser melhorado. Esse pode ser um trabalho seu, mas dependendo do tipo de estrutura que exista na sua escola, também pode ser realizado pelos estudantes, e até mesmo em parceria com outros professores que trabalhem com informática.



Por compreender que essa pode ser um etapa mais complexa de ser realizada em função das dinâmicas em sala de aula, propusemos alguns combinados com os estudantes que poderiam auxiliar esse processo:

-  Incentive os estudantes a realizar o maior silêncio possível durante a gravação dos áudios. Tente gravar por etapas, em pequenos grupos, cada um com sua parte combinada e já ensaiada anteriormente para a gravação. Caso seja possível, use outra sala, exclusivamente para as gravações.
-  Caso a atividade seja realizada em sala de aula, com um grupo grande de estudantes, é necessário combinar uma ajuda mútua, para que seja possível realizar a gravação. Sabemos que um ambiente silencioso é quase impossível no espaço escolar, mas tentem chegar à melhor circunstância possível. Os barulhos naturais desse espaço também fazem parte.
-  Caso a escola disponibilize ou você tenha um microfone de lapela, a captação do áudio pode ser realizada com maior qualidade. No entanto, qualquer celular pode fazer essa captação com qualidade.
-  Ao utilizar o celular, lembre-se de deixá-lo bem próximo ao estudante que estiver falando no momento e peça para que ele fale alto, de modo que sua voz seja captada com melhor qualidade.

- 🎙️ Para auxiliar na edição, é muito importante pedir para que as crianças façam pausas bem marcadas entre a fala de um e outro; em caso de “erros”, que também parem, façam a pausa e voltem a falar do momento em que ocorreu o “erro”. Isso faz muita diferença na hora de realizar a edição dos áudios.
- 🎙️ Realize ensaios com os estudantes, deixe-os levar os roteiros para estudar em casa. Não é necessário que estejam presos ao que está escrito na hora da gravação; ao contrário, o ideal é que possam se expressar de forma espontânea, mas embasados em seus estudos e naquilo que elencaram como mais importante para ser comunicado.
- 🎙️ Os áudios podem ser gravados por um programa simples de captação de voz ou por algum programa de gravação de podcast (Audacity, Hya-Wave, Traverso, Ardour); todos esses estão disponíveis de forma gratuita na internet.
- 🎙️ A ideia é que esse processo seja o mais adequado possível à dinâmica dentro da sala de aula e de sua dinâmica como professor. Acredito que o mais importante seja os estudantes produzirem um conteúdo que possa ser compartilhado e de fácil compreensão, suscitando novas ideias e trocas entre eles. A qualidade do podcast pode ser melhorada no decorrer do processo.

Foto 8 - Estudantes ensaiando para a gravação de um dos podcasts



Fonte: A autora, 2024

Foto 9 - Estudantes ensaiando para a gravação de um dos podcasts



Fonte: A autora, 2024

Foto 10 - Estudantes trabalhando em grupos nas leituras e diário de bordo



Fonte: A autora, 2024

Foto 11 - Página do diário de bordo realizado pelos estudantes



Fonte: A autora, 2024

A gravação do podcast teve um efeito positivo na autoestima dos estudantes que, ao se ouvirem, não somente se mostraram felizes com o que haviam produzido como se sentiram estimulados a continuar pesquisando. Muitos pediram para que a pesquisa continuasse ao longo do ano letivo de 2024 e já se mostraram disponíveis para continuar contribuindo com a proposta. Acredito que este seja um dos muitos frutos positivos que o trabalho proporcionou para os estudantes, estimulando-os a se envolverem mais nas aulas de História e nas questões do tempo presente, e também os convidando a se enxergarem como produtores de conteúdos relevantes para eles e para a comunidade escolar.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres das cidades? (Freire, 2015, p. 32).

Disponibilizar os conteúdos não foi tarefa fácil. Em um primeiro momento, considerei colocá-los em uma plataforma de áudio. Contudo, não consegui encontrar uma que fosse gratuita, por isso a solução encontrada foi disponibilizar os conteúdos através de um *drive* coletivo. A divulgação foi

realizada inicialmente entre os estudantes participantes da oficina e suas famílias e posteriormente no mural da Semana Pedagógica da escola, que ocorreu no início do mês de dezembro. O *drive* com o podcast foi disponibilizado através de um *QR Code* exposto junto ao mural construído, o que trouxe uma interatividade para essa exposição. Durante a Semana Pedagógica, as famílias de todos os estudantes circularam pela escola para ver os trabalhos produzidos por seus filhos; portanto, expor o trabalho nesse momento teve uma devolutiva positiva tanto para os alunos, quanto para a pesquisadora.

Além das famílias se envolverem no assunto tratado, os estudantes que fizeram parte da oficina também divulgaram suas ideias e pesquisas realizadas através da materialização dos nossos estudos. As professoras e professores de outras séries, especialmente 1º e 2º anos, trouxeram um *feedback* positivo da exposição, o que aguçou a curiosidade das crianças. Além disso, outros docentes se interessaram pelo trabalho produzido e já revelaram interesse em desenvolver projetos associando História, Literatura e Oralidade. Todos esses retornos, além de serem muito inspiradores para que a oficina seja realizada outras vezes, abordando outras temática historicamente importantes, pessoalmente me incentivam a continuar trabalhando nas pesquisas sobre o ensino de História e suas potencialidades.

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (Freire, 2015, p. 28).

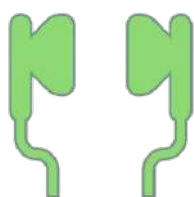
É muito interessante perceber, ao término do processo, o quanto as ideias dos autores estudados se conectam. Na potencialidade e na responsabilidade do ensinado descrito por Azevedo (2010), no protagonismo da literatura ao longo de todo o caminho, a partir das ideias de Cosson (2006), no desenvolvimento da proposta que teve como fio condutor a proposta de sequência didática de Schneuwly e Dolz (2004), bem como na compreensão de que o trabalho com gêneros orais são de grande importância para a aprendizagem dos estudantes e quanto proporcionar experiências de letramento diversas e acreditar no protagonismo dos estudantes em suas descobertas pode promover uma aprendizagem significativa que desperte a curiosidade permanente e geradora de bons frutos, a partir de Freire (2015).





PODCAST NO AR

OS EPISÓDIOS



A gravação dos episódios para o podcast revela parte das aprendizagens desenvolvidas pelos estudantes ao longo de todo o processo de leitura, pesquisa, escuta e troca de ideias. Foi muito interessante e estimulante, para o desenvolvimento do trabalho, observar o envolvimento que os alunos foram construindo com a proposta. Claro que ao longo desse processo nem tudo foi fácil; foi necessário intervir para mostrar melhores caminhos de pesquisa, para a escrita e principalmente para um maior envolvimento com as tarefas que eram enviadas para casa. No entanto, os estudantes tomaram para si a ideia de criação do podcast, dando forma à proposta.

Como já discutido anteriormente, o caminho até a gravação de cada episódio foi fundamental para a apropriação dos estudantes do objeto de estudo e do gênero com o qual estávamos trabalhando. Os episódios não revelam todo potencial do que estudamos juntos, mas certamente foi um dos estímulos que as crianças tiveram para estudarem e se aprofundarem nos assuntos abordados. A proposta deste produto é oportunizar um envolvimento maior dos estudantes com os gêneros orais, sendo o podcast uma das propostas de trabalho que você pode desenvolver em sua sala de aula. No entanto, caro colega professor, o mais importante é que, ao conhecer seus alunos, você possa oportunizar atividades que melhor se encaixem em seu fazer docente e nas demandas de suas turmas.

Cada episódio conta um pouco sobre a trajetória de nossas personagens, inspirado na leitura do livro “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”, de Aryane Cararo e Duda Porto e nas pesquisas que permearam nossos encontros. Cada episódio segue o fluxo do que foi importante para os estudantes naquele momento. Não existiu uma rigorosidade na forma como cada episódio foi gravado, o que me importava aqui, como docente e pesquisadora, era que os estudantes estives-

sem à vontade para comunicar suas descobertas. Todo o processo de contato e construção da estrutura de comunicação oral, foi fundamental para que eles conseguissem realizar a atividade, lembrando que o trabalho foi realizado com estudantes dos 4º e 5º anos, que têm idades entre 9 e 10 anos de idade. Com cada faixa etária você pode investir para que eles alcancem uma comunicação cada vez mais estruturada.

Sobre Maria Felipa de Oliveira

Neste episódio, os estudantes descrevem Maria Felipa como representante do Brasil e da cultura brasileira em sua força, coragem e resistência. Capoeirista, marisqueira e trabalhadora braçal, Maria Felipa foi importante para a independência do Brasil e da Bahia. Residente da Ilha de Itaparica - BA, a heroína retratada no episódio, utilizou seus conhecimentos sobre a região para auxiliar no combate às tropas portuguesas.

Os estudantes se envolveram nos estudos, especialmente por perceberem a força feminina no processo de independência do nosso país, poucas vezes relatada nos livros sobre esse período histórico. Maria Felipa e outras mulheres se organizaram para combater as incursões de portugueses que ainda faziam frente ao processo de independência do território brasileiro. As expertises da nossa heroína da independência são narradas com empolgação pelos estudantes que, além de relatarem alguns fatos aqui mencionados, também fizeram uma sessão de perguntas e respostas com os temas que mais lhes chamaram atenção.

Sobre Dandara

No episódio que narra a trajetória de Dandara, iniciamos com uma sessão de perguntas e respostas. As crianças gostaram desse modelo, que deu certa autonomia para que pudessem não somente contar as histórias sobre a personagem como também colocar suas opiniões sobre os fatos ali relatados. A mediação da professora foi



importante para que os estudantes se sentissem seguros e se colocassem de forma crítica em relação à personagem e ao momento histórico ali retratado.

Os discentes também fizeram associações ao tempo presente, sobre o que representou a resistência de Dandara no Quilombo de Palmares e fizeram breve referência sobre a escritora, cordelista e poetisa Jarid Arraes, cuja obra, “As lendas de Dandara”, foi inserida em nossas pesquisas após duas alunas, em meio aos seus estudos pessoais, encontrarem o livro na biblioteca da escola. Em nossas aulas, é sempre importante termos espaços para conversar sobre as leituras e as pesquisas realizadas pelos estudantes. O modelo de oficina ou projeto, como aqui apresentado, pode favorecer essas interações. Além disso, podemos associar os estudos a outras disciplinas, ampliando as percepções sobre os assuntos e a interdisciplinaridade.

Sobre Marta Vieira da Silva

A jogadora de futebol Marta entra em nossas conversas sobre as históricas reivindicações feministas por igualdade de direitos. Os alunos conseguiram fazer a associação através da percepção inicial da diferença de mobilização social e dos espaços, tanto o escolar quanto fora dele, para com as Copas do Mundo masculina e feminina. Na Copa do Mundo masculina, os estudantes saíram mais cedo ou não tiveram aulas para acompanhar os jogos; a coleção de figurinhas do álbum masculino mobilizou troca-troca de figurinhas em vários espaços públicos; a mídia fez ampla cobertura dos jogos, com noticiários e grande propaganda dos horários das partidas, entre outras percepções trazidas pelos discentes. Tal mobilização não foi vista nos jogos femininos, mesmo que já tenhamos realizado avanços em relação a competições mundiais de anos anteriores.

O que mais chamou atenção dos alunos, além da lista acima, foi a grande diferença de incentivo por patrocinadores e de salários entre os jogadores das seleções masculina e feminina. Marta é narrada em toda a sua potencialidade enquanto atleta, com uma sequência histórica de premiações; no entanto, é uma jogadora que não tem a mesma valorização de jogadores do masculino. Sua jornada não se resume ao grande futebol jogado nos gramados, mas também se estende às suas lutas sociais e ao incentivo ao futebol feminino.



Sobre Marielle Franco

A nova página para o livro idealizada pelos estudantes é um capítulo à parte neste estudo e que pode inspirar outros tantos trabalhos em sua sala de aula. Ao se envolverem com a proposta de estudo, as crianças começaram a ter mais autonomia para seguirem seu próprio caminho nessa produção. A escolha da Marielle se deu pela representatividade dessa mulher para a cidade do Rio de Janeiro e que se ampliou para o Brasil e o mundo. Marielle tornou-se símbolo de luta e espalhou suas sementes. Nesse episódio, os estudantes buscaram falar mais sobre sua vida do que sobre sua morte, trazendo, inclusive, registros de experiências vividas de forma bem próxima a ela.

* * *

Essas e outras conversas foram suscitadas ao longo dos estudos sobre o papel dessas mulheres na sociedade brasileira, em suas lutas, resistência e reivindicações. Isso nos levou a conversar sobre demandas atuais em nossa sociedade relacionadas a violências diversas contra as mulheres; o excesso de trabalho doméstico; a remuneração inferior à de homens que ocupam os mesmos cargos; as dificuldades de estarmos em cargos de chefia; a questão racial que afeta mulheres negras de forma ainda mais violenta nesses processos; o trabalho invisibilizado das mulheres que são “donas de casa”, além das demandas da maternidade, entre outros assuntos. Foi possível afirmarmos o quanto nossa sociedade ainda nos vê em um papel de subserviência; nossa emancipação se deu muito mais por conta das demandas do mercado de trabalho.

A partir disso, também gravamos um episódio falando sobre as mulheres das nossas vidas, mulheres do cotidiano, nossas mães, avós, tias, amigas, enfim, mulheres que são sujeitos históricos do tempo presente e continuam, ainda que anonimamente, resistindo e lutando pela manutenção dos poucos direitos conquistados e pela ampliação deles. Hoje, precisamos resistir para não retroceder.

Sobre as Mulheres Extraordinárias

Nesse episódio, as alunas e os alunos falaram um pouco das mulheres que inspiram suas vidas no cotidiano, destacando suas lutas diárias em casa, no trabalho, para sua criação e de seus irmãos. Exaltaram também características dessas mulheres que lhes dão orgulho e inspiração para a vida.

Falar sobre as mulheres da vida desses estudantes foi importante para que pudéssemos observar que no cotidiano da vida vivida, continuamos a lutar por nosso espaço social e contra as injustiças e percalços do caminho. Olhar para uma História que está próxima, que envolve seu próprio viver e que pode e deve ser questionada, modificada para que seja melhor para seus sujeitos. Mostrar que a

história não está apenas estática no passado, mas que se desenha no presente, aproximou os estudantes das reflexões e dos conteúdos que foram abordados ao longo desse caminhar.

* * *

É importante destacar que nossa ideia é desenvolver uma proposta de ensino de História que seja possível. Nossa proposta está direcionada aos Anos Iniciais, mas naturalmente pode e deve ser adaptada às diferentes faixas etárias de aprendizagem, de acordo com suas demandas específicas. Sobre o trabalho do docente, a ideia também é aproximar daquilo que é possível em sua sala de aula e em seu cotidiano, sem que se torne algo difícil de realizar. Trago aqui como exemplo a forma que escolhi para compartilhar os episódios dos estudantes, através de um *QR Code* que direciona o ouvinte a um *Drive*. Essa foi a maneira mais fácil que encontrei de disponibilizar os episódios para o maior número de pessoas possível dentro das minhas possibilidades enquanto docente e pesquisadora.

A ideia é que esses estudos não cessem aqui, e eu possa melhorar a forma de desenvolvimento deste trabalho. Hoje, temos disponíveis algumas plataformas online para esse tipo de atividade, no entanto, nem todas são gratuitas ou requerem outros conhecimentos sobre tecnologia. Então, caro colega professor, não deixe de realizar qualquer tipo de atividade com seus estudantes por não contar com determinada tecnologia ou material. Busque alternativas que se encaixem nas suas necessidades e nas de seus estudantes.

Os episódios aqui apresentados são partes do trabalho de um ensino de História que envolveu literatura e oralidade para uma aprendizagem significativa. Observar o caminho que os estudantes traçaram lendo, escrevendo, construindo opiniões, escutando uns aos outros dá a real dimensão da potencialidade de um trabalho desenvolvido e estruturado nesse sentido. As aulas de História dos Anos Iniciais podem proporcionar um contato com questões sociais do tempo presente de forma engajada pelos estudantes; eles querem e sabem falar sobre problemáticas do seu cotidiano, construindo aprendizagens históricas, conectando o passado e o presente.

Claro que as ideias para a gravação dos episódios não se encerram aqui, é possível ter novas ideias com seus alunos abordando outras temáticas também importantes. Esse é um recorte possível, onde os estudantes construíram suas aprendizagens e o mais interessante nessas construções é que a cada novo grupo de discentes será possível desenvolver novos estudos e perceber novas formas de levar o ensino de História para as salas de aula, em uma proposta de aprendizagem que é tanto deles quanto nossa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



O Caderno de Possibilidades: pelo ensino de uma História outra é a materialização de uma busca engajada em contribuir com uma educação anticolonial nas aulas de História. Como objeto didático, é potente ao propor diferentes possibilidades de letramento para o ensino de História nos Anos Iniciais, valorizando a literatura como importante fonte histórica e a oralidade como forma de emancipação dos sujeitos, que devem estar envolvidos com suas aprendizagens e buscando sempre descobrir mais sobre sua história e sobre o que os cerca. A literatura é elo dessas aprendizagens, pois nos conecta aos nossos sentimentos e aos do outro, sendo possível explorar diferentes temáticas socialmente relevantes. Trabalhar com mulheres históricas proporcionou esse olhar aproximado de diferentes realidades históricas, sociais e culturais e a luta resistente e resiliente dessas personagens que se fazem também presentes na realidade cotidiana dos nossos estudantes. Encontrar nas figuras históricas aqui retratadas as dificuldades, vitórias, lutas e protagonismos das mulheres que nos cercam finda por conectar esses saberes e auxilia os estudantes a compreenderem a história como reflexiva, dinâmica e como um caminho para a mudança, rompendo com a ideia de algo estático e contado apenas por um ponto de vista. Dar voz aos estudantes, possibilitar que sejam produtores de conteúdos que possam ser levados a outros discentes e a toda a comunidade escolar possibilita encontros para a construção de uma nova consciência histórica.

Foto 12 - Confraternização de encerramento da oficina



Fonte: A autora, 2024



REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Patrícia Bastos de. História ensinada: práticas de letramento e produção de sentido. **Educação: Teoria e Prática**, v. 23, n. 44, p. 24-45, 2013.

BARROS, Gílian Cristina; MENTA, Eziquiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 9, n. 1, p. 1-14, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/217>. Acesso em: 1 set. 2023.

CANFIL, Daniele Cristina; ROCHA, Diana; PAZ, Camila Candeia. Podcasts: A Contribuição das Novas Mídias para o Processo de Ensino e Aprendizagem em Sala de Aula. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 10., 2009, Blumenau. **Anais [...]**. Blumenau: Intercom, 2009. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0112-1.pdf>. Acesso em: 1 set. 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

DIAS, Anair Valênia Martins. Hipercontos Multissemióticos. *In*: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (francófona). *In*: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MOURA, Eduardo; GRIBL Heitor. Radioblog. *In:* ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos. *In:* ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In:* ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales (org.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.



Acesse o podcast!



